



## A televisão começa no Rio de Janeiro: as transmissões experimentais da TV Tupi no então Distrito Federal<sup>1</sup>

Lucia SANTA-CRUZ<sup>2</sup>

Fernando MORGADO<sup>3</sup>

### Resumo:

A partir dos conceitos de televisão formulados por Wolton e Chandler e por Munday, o presente artigo trata de posicionar a Tupi do Rio de Janeiro como a emissora pioneira em transmissões experimentais de TV dentro dos Diários Associados, em contraposição ao que a historiografia da mídia brasileira cristalizou. Fundamenta-se em registros obtidos em livros e periódicos, todos eles tratados a partir do método de análise documental, à luz de Bardin. Visa, assim, a contribuir com o registro da história da TV Tupi e da televisão brasileira em geral, cuja narrativa hegemônica não dedica espaço justo ao trabalho realizado pelos pioneiros cariocas.

**Palavras-chave:** história da televisão; pioneirismo; Rio de Janeiro; transmissões experimentais; TV Tupi.

## The television begins in Rio de Janeiro: the experimental transmissions of Tupi TV in the then Federal District

### Abstract:

Based on the concepts of television formulated by Wolton and Chandler and by Munday, this article seeks to position Tupi Rio de Janeiro as the pioneer station in experimental TV broadcasts within the Diários Associados, in contrast to what the historiography of the Brazilian media crystallized. It is based on records obtained from books and periodicals, all of them treated through the method of document analysis in the light of Bardin. Thus, it aims to contribute to the record of the history of Tupi TV and Brazilian television in general, whose hegemonic narrative does not dedicate a fair space to the work carried out by the pioneers of Rio de Janeiro.

**Keywords:** television history; pioneering; Rio de Janeiro; experimental transmissions; Tupi TV.

---

<sup>1</sup> Versão revisada e ampliada de trabalho apresentado no VI Encontro Regional Sudeste de História da Mídia, realizado na cidade de Niterói-RJ entre os dias 19 e 21 de novembro de 2020.

<sup>2</sup> Doutora e Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Professora do Mestrado Profissional em Gestão da Economia Criativa da ESPM Rio. *E-mail:* lucia.santacruz@espm.br

<sup>3</sup> Mestre em Gestão da Economia Criativa e Especialista em Gestão Empresarial e Marketing pela ESPM Rio. Professor das Faculdades Integradas Hélio Alonso (FACHA) e da ESPM Rio. *E-mail:* contato.fernandomorgado@gmail.com





## La televisión comienza en Rio de Janeiro: las transmisiones experimentales de TV Tupi en el entonces Distrito Federal

### Resumen:

Basado en los conceptos de televisión formulados por Wolton y Chandler y por Munday, este artículo busca posicionar a Tupi de Rio de Janeiro como la emisora pionera en transmisiones de TV experimental dentro de los Diários Associados, en contraste con lo que cristalizó la historiografía de los medios brasileños. Se basa en registros obtenidos de libros y publicaciones periódicas, todos tratados mediante el método de análisis documental a la luz de Bardin. Así, pretende contribuir al registro de la historia de la TV Tupi y de la televisión brasileña en general, cuya narrativa hegemónica no dedica un espacio justo al trabajo realizado por los pioneros cariocas.

**Palabras clave:** historia de la televisión; pionerismo; Rio de Janeiro; transmisiones experimentales; TV Tupi.

### Introdução

A historiografia dos meios de comunicação no Brasil consagra a capital paulista como o marco territorial fundador da televisão no país, em 1950, com o início das transmissões da TV Tupi (BARBOSA, 2010; NUNES, 2013), mesma premissa seguida por Fernando Morais (2000), ao biografar Assis Chateaubriand, o responsável pela implantação dessa mídia. Antes da inauguração oficial, em 18 de setembro, a primeira transmissão televisiva, ainda em caráter experimental, fixou-se na memória coletiva como tendo acontecido em julho daquele ano, no saguão do Museu de Arte de São Paulo (MASP), que à época ocupava um jirau no edifício onde funcionavam os Diários Associados<sup>4</sup>.

Em grande parte, esta memória coletiva teria se fixado em virtude das fotografias que o *Diário da Noite* e o *Diário de S. Paulo* publicaram poucos dias após aquela pré-estreia, e que volta e meia são retomadas em artigos e livros de história da mídia no Brasil. A primeira imagem mostrava o cantor e religioso mexicano Frei José Francisco de Guadalupe Mojica cantando no auditório do MASP, no Centro de São Paulo. A segunda exibia uma multidão se aglomerando em torno de dois aparelhos televisivos instalados no saguão dos Diários Associados (DIÁRIO DA NOITE, 12 jul. 1950, p. 1).

Neste artigo, não se pretende discutir os motivos que contribuíram para o estabelecimento das transmissões realizadas pela TV Tupi em São Paulo como as pioneiras, sejam elas as experimentais ou a de inauguração do canal de televisão.

---

<sup>4</sup> Diários Associados é o nome do grupo empresarial que controlava a TV Tupi.



Não deixa de ser curioso o fato de que a primeira transmissão televisiva no país de um jogo de futebol tenha acontecido antes da apresentação de Frei Mojica, mas não tenha chegado a se consagrar como o marco inaugural da televisão nacional. O primeiro jogo de futebol transmitido no Brasil foi Tupi vs. Bangu, realizado em 21 de maio de 1950 na cidade de Juiz de Fora (GOLD, 20 jun. 1950, p. 28; LINS; BRANDÃO, 2012)<sup>5</sup>.

Entretanto, foi no Rio de Janeiro, e não em São Paulo ou Minas Gerais, onde os Diários Associados fizeram suas transmissões iniciais de TV. “As primeiras experiências da Televisão Tupi”: essa é a manchete estampada no centro da capa da edição de 16 de abril de 1950 d'*O Jornal*<sup>6</sup>. O acontecimento é descrito como sendo “a primeira transmissão de televisão realizada com o equipamento móvel da Televisão Tupi” (O JORNAL, 16 abr. 1950a, p. 1), e não como teste de câmera ou algo que o valha. Fotografias comprovam que as imagens captadas foram de fato transmitidas e recebidas por aparelhos de TV (O JORNAL, 16 abr. 1950a, p. 1; O JORNAL, 16 abr. 1950b, p. 12). Trata-se, portanto, do registro de uma transmissão experimental ocorrida no então Distrito Federal cerca de três meses antes daquelas noticiadas na capital paulista (DIÁRIO DA NOITE, 12 jul. 1950, p. 1; MORAIS, 2000). Diversas autoridades assistiram e participaram da produção carioca, incluindo o então ministro da Educação, Clemente Mariani, o então deputado federal Horácio Lafer (PSD-SP) e o fundador dos Diários Associados, Assis Chateaubriand (O JORNAL, 16 abr. 1950a, p. 1).

A revista *O Cruzeiro* de 27 de maio de 1950 também traz extensa matéria jornalística a respeito do pioneirismo da TV Tupi do Rio de Janeiro. Sob o título “A ‘Televisão Tupi’ vai para o ar”, são apresentadas diversas fotos da segunda transmissão experimental, ocorrida duas semanas depois da primeira. Uma das imagens é a do “primeiro beijo televisado no Brasil” (Figura 1), dado por Aimeé e Carlos Frias (CARNEIRO, 27 maio 1950, p. 63).

---

<sup>5</sup> A primeira partida de futebol transmitida após a inauguração da TV Tupi de São Paulo foi Palmeiras vs. São Paulo, ocorrida no dia 15 de outubro de 1950 em pleno estádio do Pacaembu (DIÁRIO DA NOITE, 16 out. 1950, p. 1).

<sup>6</sup> Cumpre acentuar que *Diário da Noite* (Rio de Janeiro e São Paulo), *Diário de S. Paulo* e *O Jornal* eram veículos pertencentes aos Diários Associados.

Figura 1 - Fotografia tirada da tela da TV durante o primeiro beijo televisado no Brasil



Fonte: Carneiro, L., 27 maio 1950, p. 63.

Ressalte-se que o fato de a TV, na altura desses acontecimentos, ainda ser inacessível às massas – algo que só começaria a ser revertido a partir da década de 1960 (BERGAMO, 2010; MATTOS, 2002) – não a desqualifica como mídia. O cunho experimental das transmissões e as naturais dificuldades técnicas enfrentadas durante essa fase também não tiram da televisão o seu caráter de meio de comunicação<sup>7</sup>. Sendo assim, não há qualquer razão para que os fatos ocorridos nos primórdios da Tupi carioca sejam minimizados ou mesmo desconsiderados na história.

Tendo como referência as definições para televisão cunhadas por Dominique Wolton (1997) e por Daniel Chandler e Rod Munday (2011), este artigo posiciona as transmissões de TV realizadas pela Tupi do Rio de Janeiro em abril de 1950 como sendo as primeiras feitas em caráter experimental pelos Diários Associados. Busca, assim, contribuir com o registro da

<sup>7</sup> César Bolaño, em *Mercado brasileiro de televisão* (2004), chega a ampliar o uso do termo “experimental”. É dessa forma que ele qualifica todos os primeiros anos da TV, mesmo depois de várias emissoras terem realizado cerimônias de lançamento oficial: “Mas até 1955, pelo menos, o caráter experimental das transmissões é fato comprovado por todos os que se dedicaram ao estudo do tema” (BOLAÑO, 2004, p. 32).

história da TV Tupi e da televisão brasileira em geral, cuja narrativa hegemônica eclipsa o relevante trabalho realizado pelos pioneiros cariocas<sup>8 9</sup> (LINS; BRANDÃO, 2012).

Em termos metodológicos, foram desenvolvidas pesquisas documental e bibliográfica (STUMPF, 2017). O tratamento dos dados se deu por meio de análise documental à luz de Laurence Bardin (2011).

A análise documental permite passar de um documento primário (bruto) para um documento secundário (representação do primeiro). São, por exemplo, os resumos ou *abstracts* (sínteses do documento segundo certas regras); ou a *indexação*, que permite, por classificação em palavras-chave, descritores ou índices, *classificar* os elementos de informação dos documentos, de maneira muito restrita (BARDIN, 2011, p. 51-52, grifos da autora).

Aqui, o processo de análise documental abrangeu as seguintes etapas: (1) levantamento e seleção dos dados, notadamente fotos e reportagens publicadas em periódicos; (2) ordenamento cronológico do material recolhido; (3) categorização dos dados e aplicação de palavras-chaves conforme o tema e o veículo de comunicação de origem; (4) cotejamento e análise das informações coletadas.

O artigo está composto por três seções e inicia tratando do conceito de televisão, a partir das definições de Marshall McLuhan (2006), Eduardo Meditsch (2010), Daniel Chandler e Rod Munday (2011), Sérgio Mattos (2002), Marialva Barbosa (2010) e Dominique Wolton (1997). Na sequência, apresenta-se a história da formação do conglomerado Diários Associados, grupo de comunicação responsável por trazer a televisão para o Brasil. Por fim, discutem-se as primeiras transmissões de TV efetuadas no país.

---

<sup>8</sup> Nas palavras da atriz Fernanda Montenegro: “Sempre se toma a história da TV no Brasil através e unicamente de São Paulo. Eu acho uma injustiça com o grande trabalho que foi desenvolvido na TV Tupi do Rio de Janeiro” (MONTENEGRO *apud* BRANDÃO, 2005, p. 69).

<sup>9</sup> Uma das possíveis raízes desse fenômeno reside no distanciamento que imperava entre as equipes paulistana e carioca da Tupi. Walter Clark registra tal fato ao tratar da novela *O direito de nascer*, de 1964: “No nosso acordo, eles [TV Tupi] passariam a novela em São Paulo e nós [TV Rio], no Rio. De forma indireta, a Tupi competiria com ela mesma no Rio e nós competiríamos com a Record [que, assim como a TV Rio, era ligada à família Carvalho] em São Paulo. Tratava-se de um contrassenso incompreensível, mas era assim que as coisas funcionavam na época” (CLARK; PRIOLLI, 2015, p. 136).



### Definindo televisão

Antes de ser abordada a questão central deste artigo, que é posicionar a Tupi do Rio de Janeiro como a emissora pioneira em transmissões experimentais de TV dentro dos Diários Associados, em contraposição ao que a historiografia da mídia brasileira cristalizou, cabe discutir o que se entende por essa mídia. Esta etapa é importante pois ela auxilia no entendimento do que se pode considerar como primeira transmissão televisiva.

A definição da mídia televisão vai além da construção de torres, emissão de ondas hertzianas ou operação de transmissores. Ainda que os equipamentos integrem a dinâmica de qualquer meio, eles não são os protagonistas, pois, conforme sintetizou Marshall McLuhan (2006, p. 21), “o meio é a mensagem”.

Isto apenas significa que as consequências sociais e pessoais de qualquer meio – ou seja, de qualquer uma das extensões de nós mesmos – constituem o resultado do novo estalão introduzido em nossas vidas por uma nova tecnologia ou extensão de nós mesmos (MCLUHAN, 2006, p. 21).

Para McLuhan (2006), a definição de uma mídia reside nos reflexos que ela gera em cada indivíduo, passando por fatores culturais, relacionais e sensoriais. É a partir dessa ideia, inclusive, que o autor divide os meios entre “frios” e “quentes”, sendo estes capazes de prolongar “um único dos nossos sentidos e em 'alta definição'”, ou seja, “a um estado de alta saturação de dados”, não deixando “muita coisa a ser preenchida ou completada pela audiência” (MCLUHAN, 2006, p. 38).

Ao conceituar rádio, Eduardo Meditsch (2010) vai em linha semelhante, já que não reduz essa mídia às tecnologias eventualmente empregadas para sua emissão e sintonia. Para Meditsch (2010, p. 204, grifo do autor), o rádio é “uma *criação cultural*, com suas leis próprias e sua forma específica de mediação sociotécnica”<sup>10</sup>.

Assim como a existência de um jornal não se restringe ao calhamaço de papel impresso que foi publicado hoje, nem ao que foi publicado ontem, mas vincula-se a uma ideia objetivada e apoiada numa instituição social, que permeia e supera a edição de cada dia, a existência de uma emissora de rádio em particular, e do rádio em geral como instituição, não pode mais ser atrelada à natureza dos equipamentos de transmissão e recepção utilizados para lhe dar

---

<sup>10</sup> A ideia de “criação cultural” proposta por Meditsch (2010) deriva do conceito de “instituição social” formulado por Otto Groth (2006).





vida, mas sim às especificidades do fluxo sonoro que proporciona e às relações socioculturais que a partir dele se estabelecem (MEDITSCH, 2010, p. 204).

Tal definição pode ser transposta com tranquilidade para a televisão, herdeira direta de diversos elementos do rádio, tais como estrutura, formato de programação e profissionais das áreas técnica e artística (MATTOS, 2002), além da regulação<sup>11</sup>.

Para Chandler e Munday (2011, p. 425-426, tradução nossa)<sup>12</sup>, televisão é “uma importante instituição cultural intimamente associada à mudança nos padrões de lazer, à aldeia global e à perpetuação do consumismo”. Tal acepção é expandida e dá origem à “cultura televisiva”, que envolve as “funções sociais” dessa mídia, com destaque à “sua contribuição para a socialização através da circulação de imagens, estruturas e normas compartilhadas” (CHANDLER; MUNDAY, 2011, p. 426, tradução nossa)<sup>13</sup>. Em outras palavras, a TV é um instrumento de construção de parâmetro identitário (BARBOSA, 2010).

Dominique Wolton (1997, s.p.) trata a televisão como “fator de identidade cultural”. A fim de sustentar sua tese, o autor menciona o caso das telenovelas produzidas pela Rede Globo. “As telenovelas são séries de êxito considerável, cujo conteúdo evolui em função das reações e das propostas do público, que refletem, todas elas, a realidade social e cultural brasileira” (WOLTON, 1997, s. p.). Nesse sentido, os aspectos culturais e sociais estão acima de quaisquer aparatos tecnológicos na construção daquilo que se entende por televisão.

Aqui tudo está por reafirmar, não através de um salto em frente em direção às novas técnicas – estas não adiantam nada ao problema complicado das relações entre cultura, comunicação e sociedade –, mas através de uma vontade de garantir o papel essencial da televisão como elo social (WOLTON, 1997, s. p.).

Deve-se sublinhar que tais significados de TV não mencionam audiências massivas, circuitos abertos ou fechados, torres e transmissores de ondas hertzianas. Do contrário, a televisão transmitida via cabos coaxiais – que não emite sinais pelo ar e está restrita apenas aos que pagam assinatura – não poderia ser chamada de televisão. Os autores também não

---

<sup>11</sup> Sobre a evolução da regulação de rádio e televisão no Brasil, ler: CHAGAS, Genira. *Radiodifusão no Brasil: poder, política, prestígio e influência*. São Paulo: Atlas, 2012.

<sup>12</sup> No original: “A major cultural institution closely associated with shifting leisure patterns, the concept of the global village, and with the perpetuation of consumerism” (CHANDLER; MUNDAY, 2011, p. 425-426).

<sup>13</sup> No original: “[...] its contribution to socialization through circulating shared imagery, frameworks and norms” (CHANDLER; MUNDAY, 2011, p. 426).





determinam que produções televisivas só podem ser tratadas como tal se realizadas após uma faustosa festa anunciada como oficial. A definição de TV está mais ligada à cultura do que a determinados equipamentos ou rega-bofes.

Se não fosse assim, de que forma poderíamos classificar a atividade de quem, na contemporaneidade, assiste a um programa televisivo pelo canal de *streaming* de uma emissora de televisão? Essa pessoa continua vendo conteúdo televisivo. A diferença está apenas no fato de ser um conteúdo *on demand*, isto é, cujo consumo ocorre quando e onde o telespectador determina. De toda forma, permanece sendo uma produção vista por seu público por meio de uma tela.

Portanto, se a definição da mídia televisão está muito além dos componentes técnicos e tecnológicos, também se pode considerar como transmissão televisiva aquelas executadas ainda que em caráter experimental ou para pequenas e restritas audiências. O que irá definir se estamos falando de produção televisiva, como já frisamos, é a cultura estabelecida em torno dessa atividade.

### **O conglomerado Diários Associados**

Para compreender o processo que culminou com o surgimento da TV Tupi, é preciso analisar o grupo empresarial que lhe deu origem. Fundado no Rio de Janeiro por Assis Chateaubriand, os Diários Associados chegaram a ser um dos maiores complexos de comunicação do planeta, superando, inclusive, aquele formado pelo estadunidense William Randolph Hearst, figura na qual Orson Welles se inspirou para criar *Cidadão Kane* (MORAIS, 2000).

O começo foi com *O Jornal*, diário carioca lançado no dia 17 de junho de 1919 e que Chateaubriand assumiu em 30 de setembro de 1924 (CARNEIRO, G., 1999). Não por acaso, *O Jornal* ganharia o epíteto de órgão líder dos Diários Associados. A ele se juntariam dezenas de títulos, publicados em várias partes do Brasil: do *Alto Madeira*, de Porto Velho, ao *Diário de Notícias*, de Porto Alegre, passando pelo *Correio Braziliense*, *Correio do Ceará*, *Diário de Pernambuco*, *Diário de S. Paulo*, *Diário do Norte*, *Diário do Paraná*, *Estado de Minas*, *Jornal do Commercio* – tanto o de Manaus quanto o do Rio de Janeiro –, *Monitor Campista*, *Pacotilha*,







*Unitário, A Hora, A Província do Pará, A Vanguarda, O Imparcial, O Rio Branco*, entre outros (MORAIS, 2000).

Em 1928, Assis Chateaubriand lançou sua primeira revista, *O Cruzeiro*, que se tornou a publicação semanal mais vendida do país, com tiragens na casa das centenas de milhares (BAHIA, 2009; ROMANCINI; LAGO, 2007), e ainda ganharia uma versão em espanhol chamada *O Cruzeiro Internacional* (SODRÉ, 1977). O grupo também editou a revista *A Cigarra*, além de livros e histórias em quadrinhos (MORAIS, 2000).

No rádio, a trajetória começou com a inauguração da Tupi do Rio de Janeiro, em 25 de setembro de 1935. Chateaubriand teria muitas outras estações, a maioria delas batizadas com palavras indígenas: Araripe, Baré, Borborema, Cariri, Guarani, Marajoara, Poti, Tamandaré, Tamoio. Não por acaso, esse conjunto seria apelidado de Taba Associada, em referência à ideia de aldeia (MORAIS, 2000).

Em torno dos veículos de comunicação, surgiram outras empresas que os apoiavam, como a agência de notícias Meridional e a agência de publicidade SIRTA – Serviços de Imprensa, Rádio e Televisão Associados. Houve, porém, uma miríade de negócios sem relação direta com o mercado de mídia, a começar pelas dez fazendas onde se criava gado e plantava algodão, café e mamona (CARNEIRO, G., 1999). Teve também a fábrica de chocolates Lacta e os laboratórios Gaby, Ipiranga, Licor de Cacau Xavier e Schering. Nesses casos, havia pelo menos uma ligação com comunicação: todas essas empresas anunciavam muito nos Diários Associados. Quanto mais anunciavam, mais vendiam. Quanto mais vendiam, mais anunciavam. Assim, geravam-se novos e maiores recursos financeiros para alimentar a contínua expansão do conglomerado (MORAIS, 2000).

A televisão surgiu justamente como parte desse crescimento que parecia irrefreável. Após a entrada no ar dos canais no Rio de Janeiro e em São Paulo, os Diários Associados inaugurariam emissoras de TV em cidades como Belo Horizonte, Brasília, Curitiba, Goiânia, Porto Alegre, Ribeirão Preto, Recife e Salvador. Mais tarde, essas estações formariam a Rede Tupi de Televisão<sup>14</sup>. Graças a essa gigantesca máquina econômica e midiática, Assis

<sup>14</sup> Alguns autores apontam a Globo como tendo sido a primeira rede de televisão do Brasil, tomando como marco inicial a estreia do *Jornal nacional*, em 1 de setembro de 1969 (RIBEIRO; SACRAMENTO, 2010). Entretanto, antes disso, os Associados já tinham um programa transmitido simultaneamente, com o mesmo sinal, para diferentes regiões: era o *Domingo alegre da bondade*, apresentado por J. Silvestre e exibido pelas TVs Itacolomi, Paraná, Piratini, Tupi do Rio de Janeiro, Tupi de São Paulo e Vitória (O JORNAL, 3 ago. 1969, p. 3).



Chateaubriand tornou-se um dos indivíduos mais poderosos e influentes do Brasil. Ele exerceu dois mandatos como senador e, durante o governo de Juscelino Kubitschek, foi embaixador do Brasil na Inglaterra (MORAIS, 2000).

No dia 27 de fevereiro de 1960, Chateaubriand foi acometido de uma dupla trombose, que lhe deixou tetraplégico. Já em 19 de outubro de 1965, foi atacado por um distúrbio nas coronárias, o que agravou ainda mais o seu estado de saúde. Quase três anos depois, mais precisamente no dia 4 de abril de 1968, o criador dos Diários e Emissoras Associados morreu (FERREIRA, 20 abr. 1968, p. 7).

Antes de adoecer, Assis Chateaubriand criou um modelo societário absolutamente *sui generis* para os Diários Associados: trata-se do Condomínio Acionário, que recebeu, por doação, o controle dos negócios. Nessa fórmula, os condôminos são empregados com extensa ficha de serviços prestados ao conglomerado. Esses profissionais gerem o grupo de forma colegiada, com um porém: nenhum deles se torna acionista.

O Condomínio não faria de ninguém dono dos Diários Associados nem a posse das ações seria legada à família de cada participante. O conjunto dos sucessores, sempre renovado a cada vacância, por solicitação de saída ou por morte do condômino, teria mais obrigações e responsabilidades do que direitos [...].

Para garantir a continuidade da obra, foram gravadas as ações e quotas com cláusulas de inalienabilidade, impenhorabilidade, incomunicabilidade e intransmissibilidade. Isso significa que, ao morrer um integrante do Condomínio, sua família não recebe a participação que ele tinha nas empresas. Calcula-se o valor da quota do condômino falecido no dia do seu óbito, de acordo com o balanço das empresas, e os descendentes recebem o valor correspondente no prazo de cinco anos. Dessa forma, não se fraciona o capital das empresas dos Diários Associados e preserva-se a filosofia legada pelo fundador (CARNEIRO, G., 1999, p. 408-409).

Em outras palavras, os condôminos parecem donos, agem como donos, mas não são donos dos Diários Associados. Outra característica peculiar imposta por Assis Chateaubriand foi a independência administrativa que cada estado possui, configurando-se, assim, uma espécie de “federação empresarial” (MORAIS, 2000, p. 697). Foi com termos assim, inclusive, que o empresário tratou da aquisição, em 1931, do *Diário de Pernambuco*.

O *Diário de Pernambuco*, que acaba de entrar para a cadeia federativa dos Diários Associados, é o mais vetusto órgão da América Latina [...].

Federado aos Diários Associados, o *Diário de Pernambuco* conserva intacta a sua autonomia, no exercício do mandato imperativo que o povo pernambucano lhe confiou (CHATEAUBRIAND, 18 jun. 1931, p. 2).

Se a intenção disso era permitir que as unidades mais prósperas apoiassem aquelas com menos recursos, o que de fato ocorreu foi o agravamento das desigualdades, criando uma série de problemas, como, por exemplo, a impossibilidade de formar uma sólida rede de TV. Não havia condições de alinhar a filosofia de programação e unificar a produção diante das particularidades – e até mesmo rivalidades – entre estados, notadamente Rio de Janeiro e São Paulo, justamente os dois mais ricos do país.

As dívidas galopantes e a gestão descentralizada fizeram os Diários Associados entrarem em uma espiral de deterioração que incluiu o fim, em junho de 1980, da Rede Tupi de Televisão. As emissoras tiradas do ar respondiam por mais da metade do faturamento de todo o grupo (CARNEIRO, G., 1999), que hoje se restringe a poucos veículos, com destaque para os jornais *Correio Braziliense* e *Estado de Minas*, a Rádio Tupi do Rio de Janeiro e as TVs Alterosa e Brasília, esta em sociedade com o empresário e político Paulo Octávio (PSD-DF).

### **As primeiras transmissões de TV dos Diários Associados**

O Brasil já havia registrado diversas transmissões de televisão, em circuito aberto ou fechado, antes que a TV Tupi de São Paulo fosse oficialmente inaugurada, em 18 de setembro de 1950. Em 30 de outubro de 1949, começaram a ser descarregadas no cais do porto do Rio de Janeiro as 34 toneladas de equipamentos fabricados pela General Electric para a futura TV Tupi carioca (O JORNAL, 1 nov. 1949, p. 1). Ela foi a primeira emissora dos Diários Associados a receber tal espécie de materiais e deveria ter sido inaugurada oficialmente em 20 de janeiro de 1950, dia do padroeiro da cidade, mas isso não aconteceu por “problemas técnicos” (BARBOSA, 2010, p. 19). O navio S.S. Mormacyork, que trouxe os equipamentos da TV Tupi de São Paulo, atracou no porto de Santos somente em 30 de janeiro de 1950 (DIÁRIO DA NOITE, 9 fev. 1950, p. 3).

No dia 12 de abril de 1950, no auditório da General Electric, a Tupi do Rio de Janeiro realizou sua primeira transmissão experimental, conforme documenta a edição d'*O Jornal* de 16 de abril de 1950. A manchete de capa é objetiva: “Primeiras experiências da Televisão Tupi” (Figura 2). Embaixo dela, um registro daqueles que assistiram e participaram da “primeira



Figura 3 - Registro em página interna de *O Jornal* das primeiras transmissões experimentais dos Diários Associados



Fonte: *O Jornal*, 16 abr. 1950b, p. 12.

A edição de 27 de maio de 1950 de *O Cruzeiro* – principal revista semanal da época no Brasil, então com tiragem de 280 mil exemplares (*O CRUZEIRO*, 27 maio 1950, p. 3) – documenta a segunda transmissão experimental da Tupi, também realizada na então capital federal (Figura 4).

Figura 4 - Páginas da reportagem “A ‘Televisão Tupi’ vai para o ar”, da revista *O Cruzeiro*



Fonte: Carneiro, L., 27 maio 1950, p. 63-64.



Os textos e as nove fotos são assinados por Luciano Carneiro, um dos principais nomes da história da publicação<sup>15</sup>. O jornalista ressalta que, apesar de ainda operar em caráter experimental, o novo meio já era conhecido do grande público.

Esta reportagem não pretende satisfazer por completo à indisfarçável curiosidade dos metropolitanos – é bom esclarecer. A televisão já se tornou assunto corriqueiro de “bate-papo” e os telefonemas à redação, solicitando notícias, não deixam margem a dúvidas. Mas outras reportagens esclarecerão melhor o leitor. O que importa fazer, no momento, é assegurar que tudo caminha às mil maravilhas. Disso acabam de ser testemunhas os principais artistas do teatro carioca. Convidados pelas “Emissoras Associadas”, eles foram ter ao estúdio privado da “General Eletric” – cujas fábricas aparelhavam a “Televisão Tupi” – e tomaram parte na segunda experiência de transmissão. A primeira sucedera havia duas semanas e contara com a presença de altas autoridades entre as quais o ministro da Educação (CARNEIRO, L., 27 maio 1950, p. 64).

Grandes nomes do rádio e do teatro participaram dessa segunda transmissão, como Alma Flora, Eva Todor, Henriette Morineau, José Medeiros, Luis Jatobá, Nely Rodrigues, Tônia Carrero e Virgínia Lane. A atriz Aimeé e o locutor Carlos Frias, que eram casados à época, também participaram da ocasião, dando o primeiro beijo da televisão brasileira (CARNEIRO, L., 27 maio 1950, p. 63).

Em sua página na Internet, a Pró-TV, entidade fundada pela atriz Vida Alves, reconhecia a cena protagonizada por Aimeé e Carlos Frias como “o primeiro beijo na telinha carioca” (PRÓ-TV, 2 jun. 2019)<sup>16</sup>. Este reconhecimento é relevante porque é comum encontrar em livros e artigos de história do jornalismo o primeiro beijo da televisão constando como sido protagonizado por Vida Alves e Walter Forster, na novela *Sua vida me pertence*, lançada pela TV Tupi de São Paulo em 1951 (SILVA, 2004).

Apesar de ter recebido seus equipamentos antes de São Paulo e de ter feito as primeiras transmissões experimentais dos Diários Associados, a TV Tupi carioca iniciou suas emissões regulares apenas no dia 5 de outubro de 1950, data em que foi realizada a “primeira experiência

<sup>15</sup> Sobre Luciano Carneiro e seu trabalho na revista *O Cruzeiro*, ler: BURGI, Sergio; COSTA, Helouise (org.). *As origens do fotojornalismo no Brasil: um olhar sobre O Cruzeiro (1940-1960)*. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles, 2012.

<sup>16</sup> Os conteúdos que pertenciam à Pró-TV foram incorporados pelo Museu Brasileiro de Rádio e Televisão (MBRT).





do transmissor do Pão de Açúcar” (O JORNAL, 5 out. 1950, p. 1). Inicialmente, o canal 6 apresentou “o seu padrão – imagem de controle para recepção nos aparelhos de TV” entre 10h30min e 12h e entre 13h e 16h (O JORNAL, 5 out. 1950, p. 1). A TV Tupi do Rio de Janeiro foi finalmente inaugurada em 20 de janeiro de 1951 (DIÁRIO DA NOITE, 20 jan. 1951, p. 3; DIÁRIO DA NOITE, 22 jan. 1951, p. 32), quatro meses após o lançamento oficial da TV Tupi paulistana. A emissora carioca se tornou palco das grandes atrações associadas, como a *Buzina do Chacrinha*, *O céu é o limite*, o programa de Flávio Cavalcanti, entre outros.

Mesmo tendo sido pioneiro nos testes e transmissões experimentais, o canal carioca acabou não tendo a primazia na inauguração, que ficou consagrada à TV Tupi de São Paulo. Ainda que o Rio de Janeiro fosse a capital federal, e ocupasse um lugar de destaque tanto no imaginário nacional como no exterior, era no estado paulista que estava o poderio econômico, fruto do desenvolvimento do café e da industrialização. Chatô, o dono dos Diários e Emissoras Associados, tinha iniciado seu conglomerado jornalístico apoiado pelos cafeicultores paulistas. Não à toa, foi lá que ele instalou o seu ambicioso projeto do Museu de Arte, que deveria estar “onde estivesse o dinheiro – e no Brasil ele estava em São Paulo” (MORAIS, 2000 p. 478).

### Considerações finais

Este artigo teve como objetivo posicionar as transmissões de TV realizadas pela Tupi do Rio de Janeiro em abril de 1950 como sendo as primeiras feitas em caráter experimental pelos Diários Associados, de modo a serem consideradas como as primeiras transmissões televisivas ocorridas em território nacional. Com base nas definições para televisão cunhadas por Wolton (1997) e por Chandler e Munday (2011), buscou-se, assim, contribuir com o registro da história da TV Tupi e da televisão brasileira em geral, cuja narrativa hegemônica eclipsa o relevante trabalho realizado pelos pioneiros cariocas.

Tomando como base as informações conhecidas até o momento, é correto afirmar que o primeiro beijo da televisão brasileira foi dado por Aimeé e Carlos Frias, durante as transmissões experimentais da TV Tupi do Rio de Janeiro (CARNEIRO, L., 27 maio 1950, p. 63). E também é certo mencionar que Vida Alves e Walter Foster foram os primeiros a se beijarem em uma transmissão não experimental de televisão (ALVES, 2008). Assim como o



primeiro jogo de futebol transmitido no Brasil foi Tupi vs. Bangu, realizado em 21 de maio de 1950 na cidade de Juiz de Fora.

O fato de tanto o jogo em Juiz de Fora quanto o beijo de Aimeé e Carlos Frias terem acontecido antes de serem instalados todos os aparatos técnicos existentes na época e antes do lançamento oficial da TV no Brasil não os descaracterizam como transmissões televisivas, visto que os conceitos mais aceitos de televisão se baseiam em aspectos culturais, sociais e identitários. As limitações operacionais inerentes aos tempos pioneiros, bem como a baixa audiência da época – algo que só cresceria de fato na década de 1960 –, também não diminuem a importância desses feitos.

A Tupi carioca – primeira emissora do Brasil a receber seus equipamentos de TV, primeira da América do Sul a ter uma unidade móvel (DIÁRIO DA NOITE, 5 jun. 1950, p. 5) e primeira dos Diários Associados a realizar transmissões experimentais – merece mais espaço nos anais da história da televisão brasileira, cujo começo é comumente dominado pela Tupi paulistana (LINS; BRANDÃO, 2012).

A implantação da TV no Brasil não se deveu ao esforço de uma só cidade e de uma só emissora. Ela foi resultado do trabalho individual e coletivo de muitos brasileiros. Referindo-se ao paraibano Assis Chateaubriand, fundador tanto da Tupi do Rio de Janeiro quanto da Tupi de São Paulo, José de Almeida Castro<sup>17</sup> (2000, p. 40) escreveu as seguintes palavras: “O pioneirismo foi o mesmo. Neutro, porque nordestino. Líder por vocação e talento, capaz de congregar tendências e administrar conflitos. Brasileiro acima de tudo ao pugnar sempre pelo Brasil primeiro”.

Se a historiografia das comunicações terminou por apagar a contribuição da Tupi do Rio de Janeiro para a implantação da televisão no Brasil, espera-se ter contribuído para trazer a memória das primeiras transmissões, levadas a cabo na cidade carioca.

### Referências

ALVES, Vida. **TV Tupi**: uma linda história de amor. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

---

<sup>17</sup> José de Almeida Castro desenvolveu extensa carreira profissional nos Diários Associados. Um dos cargos que ocupou foi o de diretor geral da TV Tupi do Rio de Janeiro, tendo sido o responsável por liderar a instalação da emissora no prédio anteriormente ocupado pelo Cassino da Urca (CASTRO, 2000).



BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica**: história da imprensa brasileira. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009. v. 1.

BARBOSA, Marialva. Imaginação televisual e os primórdios da TV no Brasil. *In*: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (org.). **História da televisão no Brasil**. Do início aos dias de hoje. São Paulo: Contexto, 2010, p. 15-35.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BERGAMO, Alexandre. A reconfiguração do público. *In*: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (org.). **História da televisão no Brasil**. Do início aos dias de hoje. São Paulo: Contexto, 2010, p. 59-83.

BOLAÑO, César. **Mercado brasileiro de televisão**. 2. ed. rev. ampl. São Cristóvão: Editora UFS; São Paulo: EDUC, 2004.

BRANDÃO, Cristina. **O grande teatro Tupi do Rio de Janeiro**: o teleteatro e suas múltiplas faces. Juiz de Fora: Editora UFJF; OP.COM, 2005.

CARNEIRO, Glauco. **Brasil, primeiro**: história dos Diários Associados. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999.

CARNEIRO, Luciano. A televisão Tupi vai para o ar. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 27 maio 1950, p. 62-64.

CASTRO, J. Almeida. **Tupi**: pioneira da televisão brasileira. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 2000.

CHANDLER, Daniel; MUNDAY, Rod. **Dictionary of media and communication**. Oxford: Oxford University Press, 2011.

CHATEAUBRIAND, Assis. A praça forte da liberdade. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 18 jun. 1931, p. 2.

CLARK, Walter; PRIOLLI, Gabriel. **O campeão de audiência**: uma autobiografia. 2. ed. rev. São Paulo: Summus, 2015.

DIARIO DA NOITE. Primeira estação de televisão do Brasil. São Paulo, 9 fev. 1950, p. 3.

DIARIO DA NOITE. Primeira unidade móvel de televisão da Tupi carioca. São Paulo, 5 jun. 1950, p. 3.

DIARIO DA NOITE. Uma realidade a televisão em São Paulo. São Paulo, 12 jul. 1950, p. 1.

DIARIO DA NOITE. Mais uma vitória da televisão. São Paulo, 16 out. 1950, p. 1.

DIÁRIO DA NOITE. Hoje, às 12 horas, o Rio entrará definitivamente na era da televisão. Rio de Janeiro, 20 jan. 1951, p. 3.

DIÁRIO DA NOITE. Inaugurada, sábado, oficialmente a TV Tupi do Distrito Federal. Rio de Janeiro, 22 jan. 1951, p. 32.

FERREIRA, Jorge. Deus convocou o velho capitão. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 20 abr. 1968, p. 3-13.

GOLD, Max. Rádio. **A Cena Muda**, n. 25, 20 jun. 1950, p. 28.

GROTH, Otto. Tarefas da pesquisa da ciência da cultura. In: BERGER, Christa; MAROCCO, Beatriz (org.). **A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa**. Porto Alegre: Sulina, 2006, p. 182-306.

LINS, Flávio; BRANDÃO, Cristina. **Cariocas do brejo entrando no ar: o rádio e a televisão na construção da identidade juiz-forana (1940-1960)**. Juiz de Fora: FUNALFA; Editora UFJF, 2012.

MATTOS, Sérgio. **História da televisão brasileira: uma visão econômica, social e política**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. 18. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

MEDITSCH, Eduardo. A informação sonora na webemergência: sobre as possibilidades de um radiojornalismo digital na mídia e pós-mídia. In: MAGNONI, Antônio Francisco; CARVALHO, Juliano Maurício de (org.). **O novo rádio: cenários da radiodifusão na era do rádio digital**. São Paulo: Senac São Paulo, 2010, p. 203-238.

MORAIS, Fernando. **Chatô: o rei do Brasil**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

NUNES, Mônica Rodrigues. Notícias sobre TV: o Diário de S. Paulo e a cobertura sobre a implantação da PRF-3-TV-Tupi de São Paulo. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 2, n. 2, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/4112/0>. Acesso em: 2 set. 2021.

O CRUZEIRO. Tiragem do presente número pela qual nos responsabilizamos. Rio de Janeiro, 27 maio 1950, p. 3.

O JORNAL. No Rio o equipamento da televisão Tupi. Rio de Janeiro, 1 nov. 1949, p. 1.

O JORNAL. Primeiras experiências da televisão Tupi. Rio de Janeiro, 16 abr. 1950a, p. 1.



O JORNAL. Realizaram-se com pleno êxito as primeiras experiências da Televisão Tupi. Rio de Janeiro, 16 abr. 1950b, p. 12.

O JORNAL. Hoje no ar a televisão Tupi. Rio de Janeiro, 5 out. 1950, p. 1.

O JORNAL. Domingo é dia de pescaria. Rio de Janeiro, 3 ago. 1969, 3º Caderno, p. 3.

PRÓ-TV. Carlos Frias, o pioneiro da televisão no Brasil. São Paulo, 2 jun. 2019. Disponível em: <http://www.museudatv.com.br/carlos-frias-pioneiro-da-televisao-no-brasil/>. Acesso em: 2 out. 2020.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor. A renovação da estética da TV. *In*: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor; ROXO, Marco (org.). **História da televisão no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010, p. 109-135.

ROMANCINI, Richard; LAGO, Cláudia. **História do jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007.

SILVA, Patricia Alves do Rego. **TV Tupi, a pioneira na América do Sul**. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2004.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

STUMPF, Ida Regina C.. Pesquisa bibliográfica. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2017, p. 51-61.

WOLTON, Dominique. **Pensar a comunicação** [recurso eletrônico]. Algés: Difel, 1997.

Submetido em: 11.02.2022

Aprovado em: 31.01.2023

